



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7545 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

Crie currículo mas não crie expectativas: inventando subjetividades em textos de políticas curriculares de História

Bruno Fernando Santos de Castro - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

Crie currículo mas não crie expectativas: inventando subjetividades em textos de políticas curriculares de História

Palavras-Chave: Currículo; Diferença; Invenção; História

Neste texto, parto da interpretação dos textos de políticas públicas curriculares como tentativas de normatizar significados, fundamentando a escola como local de ensino de conhecimentos, elaborados fora do jogo político contextual, com os quais seria possível alcançar a cidadania ou uma dada subjetividade. Esse movimento leva à criação de metas transcendentais para o sujeito. São organizadas propostas curriculares que projetam expectativas criadas e localizadas fora do contexto de inter-relações que caracteriza a educação, buscando decidir e definir os sentidos dos processos de subjetivação.

Tomando como referência alguns textos de políticas curriculares, minha intenção é articular leituras que apontem rastros essencializantes em concepções de sujeito e as tentativas de controle da subjetividade através da criação de temporalidades lineares que buscam decidir o sujeito a ser formado no presente da ação a partir de sentidos heteronomamente definidos e localizados num tempo fora do que vivemos.

Posiciono-me favorável a uma abordagem que contemple a contingência essencialmente constitutiva da realidade e que, diante disso, assuma a defesa de uma dimensão de temporalidade como porvir indecível, que cria as dimensões do antes e/ou do depois a cada inscrição e tradução, entendendo acontecimento como *inscri(a)ção* do tempo (inscrição no tempo, criação do tempo) que borra os limites entre passado, presente e futuro (Derrida, 1991; 2012). Investindo radicalmente numa hiperpolitização através da desconstrução (Mouffe, 2017), numa possibilitação de criação de sentidos e projeção de expectativas, sem a necessidade de bases racionais e lógicas, mas, principalmente, sem garantias, porque criações de sentidos são marcadas pela indecibilidade característica do diferir, mas que são sujeitas a sofrerem a violência das tentativas de controle sobre os sentidos produzidos no mundo, por isso, entendo que todas tentativas de apagar a contingência constituinte do mundo, explícita ou implicitamente, atenta contra a diferença e limita a experiência de estar com o outro.

Pretendo pensar uma epistemologia não representacional para encarar a escola, enquanto espaço-tempo de inter-relações, como um local para que o sujeito que ainda não foi inventado (Derrida, 2008) possa ser re-conhecido e re-conhecer-se (Macedo, 2018), fora da crença humanista e positivista em torno do sujeito e suas pretensões teleo-onto-lógicas caracterizadas a partir de significantes vazios (Laclau, 1996) que apontam tentativas de controle e determinação sobre o sujeito e o tempo.

Em textos de políticas curriculares é recorrente a manutenção da centralidade no sujeito humanístico, definido sempre em sua falta, apontada externamente, e, em função da qual, é preciso dar conta de um conjunto de conhecimentos e competências pré-definidos, através dos quais se alcançará o futuro projetado, que seja, formação do cidadão, autônomo, consciente, crítico, emancipado.

A temporalidade moderna continuísta e objetivada se inscreve tanto na escrita da História, na maneira como apresenta os acontecimentos e suas relações causais, quanto na apresentação, em textos de políticas curriculares, de seus objetivos enquanto disciplina escolar, ao definir um fim a ser alcançado, um ser a ser alcançado, criando horizontes de expectativas em torno de significantes vazios, criando um espaço-tempo transcendente, porque é imaginado fora, para além da imanência das inter-relações contextuais. Acredito que ao seguir uma temporalidade continuísta fundamentada em significantes vazios definidores do sujeito projetado, cria-se expectativas para garantir esse caminho a serem alcançadas no contexto educacional através de estratégias garantidoras desses projetos.

Concepções racionais de História, mesmo reconhecendo sua dimensão narrativa, estabelecem um saber histórico que legitima a história contada pela História. É dentro do jogo de relações de poder do campo, operando ideias de verdade a partir desse saber, que a criação de qualquer história é validada. O ensino baseado nessa história corrobora a ideia moderna de uma temporalidade processual, explicável e controlável. O racionalismo dessas concepções é estranho à educação que defendo. Esta, assume a validade didática da invenção de qualquer história como criação de subjetividades em atos de tradução (Derrida, 2006) e de decisão política habitados pela indecidibilidade (Laclau, 2004; Lopes, 2018).

Como reconhecer a possibilidade de criar qualquer currículo, de inventar qualquer história se a História estabelece algo que lhe é próprio, um conhecimento histórico, que diferencia seu texto de outros atribuindo a este uma validade e uma veracidade em determinadas relações de poder? Como possibilitar processos de subjetivação indecidíveis se concepções de processos educativos estiverem fundamentados em noções objetificantes de ensino e de História, isto é, se projetam um objetivo num contexto transcendente alcançável na articulação com conhecimentos no processo de ensino? Como pensar a possibilidade de inventar qualquer história?

Pensar o que cada campo do saber pode contribuir para a educação é uma visão que muitas vezes pode limitar as possibilidades de usos de outros saberes no espaço escolar, porque a legitimidade e validade educacional de saberes é sempre definida em relações de poder. Proponho inverter essa percepção e pensar como a educação aqui defendida pode articular conteúdos disciplinares e qualquer outro saber. Para isso, defendo pensar sentidos de educação como possibilitação de contextos para a criação do que ainda não foi inventado (Derrida, 2008), no qual diferentes saberes e conteúdos são articulados através de uma epistemologia não representacional.

Uma aposta é pensar a disciplina escolar de história em relação não ao que é próprio do campo da História, mas em relação ao que pontuamos sobre os processos educacionais. Nessa perspectiva, afirmo ser possível, sim, inventar qualquer história, a ser respondida e negociada no espaço inter-relacional da educação. Talvez, para isso, tenhamos que considerar

uma educação que tenta afrouxar os sentidos de história e de verdade histórica, num movimento desconstrutivista que aponte para a verdade de qualquer história e convide a inventar a história e o mundo que ainda não foi criado. Tais criações serão sempre sem garantias, porque evitam referências objetificadas e transcendentais. Mas quem sabe por isso mesmo marquem momentos do processo de subjetivação como repetição de respostas em espaços indecidíveis.

Referências

Derrida, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus Editora, 1991.

Derrida, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

Derrida, Jacques. *Psyche: Inventions of the Other; Volumes*. California: Stanford University Press, 2008.

Derrida, Jacques. *Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento*. Revista Cerrados, 21(33), 2012.

Laclau, Ernesto. *Emancipations*. London: Verso, 1996.

Laclau, Ernesto. *Glimpsing the future*. In: Critchley, Simon; Marchart, Oliver. *Laclau: A critical reader*. London: Routledge, 2004.

Lopes, Alice Casimiro. *Sobre a decisão política em terreno indecidível*. In: Lopes, Alice Casimiro; Siscar, Marcos. *Pensando política com Derrida: Responsabilidade, tradução, porvir*. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

Macedo, Elizabeth. *A teoria do currículo e o futuro monstro*. In: Lopes, Alice Casimiro; Siscar, Marcos. *Pensando política com Derrida: Responsabilidade, tradução, porvir*. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

Moufe, Chantal (org.). *Desconstrução e Pragmatismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.